

Caravana em Bagdá

ALOYSIO CAMPOS DA PAZ Jr.

“O Brasil precisa mudar sua imagem de vendedor de armas para um país capaz de cooperação humanitária. O Sarah poderia ter um papel importante nisto.”

E lá fui eu... A justificativa de que havia um número muito grande de mutilados de guerra em função do conflito de oito anos com o Iraque e a experiência do Hospital Sarah Kubitschek com as consequências da guerra do trânsito no Brasil justificavam a mudança no tom.

Teerã. Dez milhões de habitantes. Sem favelas. Tráfego alucinante. Na frente, um carro de polícia com alto-falante no teto, aos berros. Carros contra as calçadas, seis polegadas no vidro da Mercedes.

A Guest House tem muros altos, casa neoclássica, uma fonte na frente. No café da manhã, chega um empresário brasileiro para conversar:

— Ministro, neste negócio de represa, o Brasil é competitivo. O senhor sabe, a montagem das turbinas é artesanal. Os nossos concorrentes são os italianos. Um operário italiano ganha 120 dólares, o nosso ganha 10...

No Hotel Inter-Continental, João Santana faz um discurso para um monte de empresários:

— Não tem mais Interbrás: os senhores têm que trabalhar novas fontes de financiamento. As compras de petróleo do Brasil no Irã poderão gerar atitudes favoráveis.

Os empresários se levantam um a um, apresentando-se. Tem até construtor de navios do Ceará!

Dia seguinte, 9 horas. Sala cheia. Primeira reunião no Ministério do Petróleo, gentilezas para todos os lados. A reunião acaba e eu fico literalmente no ar. Passa um iraniano:

— Onde é o hospital que vou visitar?

— ???

— Olha aqui, não vim aqui para vender nada. Vim para ver hospitais e para ver o que é possível fazer para cooperação entre o Brasil e o Irã.

Shafa Rehabilitation Hospital — Cento e dez leitos. O diretor me espera. O hospital é modesto, mas bem-conversado e tem tudo que é necessário. Na parede da sala do diretor, retratos de antigos consultores e visitantes americanos. Na visita, oficinas ortopédicas, enfermarias e departamento de fotografia. Lembrou-me o Sarinha dos anos 70. Na oficina ortopédica, em cada bancada, retratos dos líderes religiosos. As pessoas cumprimentam colocando a mão direita no coração e se curvando. Sensação de voltar no tempo. Enfermarias com crianças. Uma enfermeira para cada 3,5 leitos! De repente uma biblioteca. Mostram-me uma edição de 1978. Perguntam:

— E depois, o que aconteceu?

Máquinas de microfilmes. Ausência de computadores.

— Quando vocês querem artigos atuais, onde conseguem?

— Existe uma biblioteca central em Teerã e uma vez por semana vamos lá.

Biblioteca modesta, mas biblioteca. Que a maioria dos hospitais brasileiros não tem...

Novamente no Mercedes. Centro de reabilitação da Red Crescent, antiga Red Cross. Estavam com um relatório pronto me esperando. Controlam nove centros espalhados pelo Irã. Uma grande quantidade de amputados e mutilados recebendo aparelhos e membros artificiais. Estão na frente da maioria dos hospitais brasileiros. Conheço um homem extraordinário, Martik der Hovannessian, engenheiro.

E como se você encontrasse

com John Lennon que tivesse hibernado e te perguntasse o que tinha acontecido nos anos 80.

O país ficou intocado. Não foi destruído pela invasão tecnológica que ocorreu no Terceiro Mundo nesta década. Manteve o que de bom havia até os anos 70. Oportunidade fantástica de repassar informação daquilo que não deu certo e daquilo que valeu a pena. Transferência crítica de tecnologia.

Dia seguinte. De novo Mercedes e carro de polícia. Finalmente, vamos para uma reunião com a famosa Fundação Bonayad Mustafazan e Janbazan, que é dirigida por Moshem Rafiqdoost, chefe dos mujahedins durante a revolução islâmica. Esse homem derrubou helicópteros americanos no deserto... Tínhamos preparado um protocolo de intenções no Brasil, propondo cooperação técnica. João Santana não está. A sala está cheia de empresários brasileiros. Um trader me entrega um papel:

— Mudamos o protocolo que ia ser assinado. Este está mais “enxuto”...

Artigo 2º do protocolo: A trade é intermediária entre as duas fundações, as Pioneiras Sociais e a Bonayad, e facilita os negócios...

Devolvo o papel, desço para a porta e espero João Santana. Conto o que está acontecendo, ele fica uma arara:

— Mas que diabo esses caras estão fazendo aqui? Aqui a conversa é outra. Ó, Sapha: manda esses caras saírem!

Começa a reunião. Empresários na arquibancada. Falo:

— O sentido da minha presença está fundamentalmente ligado ao fato de que nenhuma nação estabeleceu relações duradoras sem que essas fossem precedidas ou acompanhadas de relações culturais e científicas.

Continuo explicando o que podemos fazer para colaborar. O interlocutor responde mencionando centros de alta tecnologia. Falo do preço que o Brasil pagou pela absorção acrílica de tecnologia. Podemos colaborar formando gente, a partir de uma análise de nossos erros... Um trader fala de possíveis negócios. João Santana, quarterback de futebol americano, e além do mais ministro, explode.

— Eu acho melhor termos uma reunião fechada na sala ao lado.

Saimos todos. Repito o meu discurso e o interlocutor retruca:

— Estamos inclusive fabricando uma mão robótica, controlada por impulsos cerebrais, igual à dinamarquesa...

— É exatamente por causa de malditas mãos robóticas que estou aqui. Os americanos encomendaram um montão delas na época da guerra no Vietnam e nenhum mutilado conseguiu usá-las. Não funcionam. Só serve para vitrine. O homem de seis milhões de dólares não existe. Os dinamarqueses devem ter um monte em estoque e estão querendo vender para vocês.

Flávio Sapha fala, Itamaraty competente. O interlocutor discute com o Embaixador do Irã no Brasil o nosso protocolo de cooperação. Ficamos olhando uns para os outros. De novo, futebol americano. João Santana pega a bola e sai derrubando... Afinal, assinamos o papel que trouxemos do Brasil, com direito a fotografia e Rede Globo. Avancamos dez jardas...

No final fico com a impressão de D'Artagnan esgrimindo com florete quebrado e o pé enfiado num balde. Se der certo, vai ser uma experiência extraordinária. Aos empresários, as represas, usinas de açúcar e o escambau — mas os mutilados não entraram no rolo.

Aloysio Campos da Paz Júnior é cirurgião-chefe do Hospital Sarah Kubitschek.